

ARTILHEIRO.

*Alguns vão maldizendo, e blasfemando
Do primo, que guerra fez no mundo,
Outros a sede dura vão culpando
Do peito cubigoso, e sitibundo;*
CAMÕES.

PORTO ALEGRE, NA TYPOGRAPHIA DE CLAUDIO DUREUIL E C.— ANNO DE 1837.

A liberdade dos farrapos.

Liberdade! Que doce, e encantadora palavra, que som magico, e misterioso! Ninguém pode fazer uma idéa adquada das sensações agradaveis, que produz no coração humano esta palavra, senão aquelle, que verdadeiramente se vê privado della; v g. o captivo, que geme debaixo do jugo da escravidão, e a quem não resta nenhuma esperança de o sacudir: ao pronunciar esta doce palavra ja se lhe affigure ser livre, só elle he quem pode experimentar todo o prazer, só elle he quem sabe dar-lhe o devido apreço! Quão ciozos são os Pôvos della, quantos perigos, e trabalhos, não tem elles affrontado propugnando pela conseguir, ou conservar! A historia de todos os Pôvos fornece milhares de exemplos a este respeito: foi para conservar sua liberdade, que dez mil Gregos combaterão intrepidamente nos campos de Marathonia contra duzentos mil Persas, a quem vencerão: que a Hollanda se unio para expulsar de seu territorio os poderosos exercitos de Luiz XIV: foi para conseguir sua liberdade, que Roma destruiu os Farquínios: que Portugal em 1640 sacudio o pesado jugo Hespanhol: que o Brasil em 1822 sacudio Portugal!

Nenhuma palavra tem sido cauza de mais sérias disputas, entre os Philosophos, nenhuma soffre mais varias, e diversas

interpretações, do que esta de liberdade; cada um a entende como lhe convem, todos querem ser livres no modo de a entender! O ladrão entende por liberdade a licença franca de exercer como, quando, e com quem lhe parecer o seu infame officio: o assassino a de matar, e derramar impunemente o sangue do seu semelhante: o velhaco, o caloteiro a de nunca pagar o que deve, e assim os mais, todos lhe dão a interpretação mais favoravel ás suas paixões, e vícios. Mas será isso o que se entende por liberdade? Será essa a liberdade, porque tem combatido tantos pôvos, a quem ella deu coragem espantoza, valor immenso para quebrar jugos ignominiosos, vencer perigos, depôr tyranos, e usurpadores? De certo não: no sentido, de que os revolucionarios, os anarquistas de todos os paizes se servem para sublevar os pôvos, sim he essa a liberdade, que promettem, mas o genuino sentido de liberdade não he esse, he todo diverso, e contrario: isso não he liberdade, he anarquia, e desordem, licenciosidade ou livre exercicio do poder, e querer.

Se a liberdade consiste em o homem se entregar ao desenfreamento de suas paixões, em fazer tudo, quanto estas lhe suggerissem, onde existia liberdade? Ninguém a teria; porque a liberdade de um escravizava a de outros; não existia sociedade alguma, semelhantes aos

10,000 réis
antes á boa
das (francas

o a favor da
he pouca;
usirem em
res, contan-
tes, grandes
incalculável se
Ruano; mas
eternidade, e
lhêrem del-
tos a opera-
pos, como
estabelecido
Secretario
empre levan-
do da mo-
auctoridade
nuctares
le 20 de Set-
l Agente da
que a Nação
costa, e se
sistencia da
pre meo
er festo
que for
do ch
hancas
ravel!
arque for
do Pay
licções d
s mãos d

ente!

esijo

imarel

o a de

r. eud

chial Ba

brutos viviamos em continua guerra uns com os outros, e o poder da força decidiria de tudo contra todo o direito, e justiça. Em que outra couza se differença o homem do bruto, senão em ser dotado de razão? Para que lhe foi dada esta, senão para se saber governar uzando bem de sua liberdade? Se o homem não uzar bem de sua liberdade, se a tornar como o livre exercicio do seu poder e querer, não mostra ser dotado de razão, e nesse caso he pior ainda do que as feras; porque destas poucas são as que fazem guerra ás mesmas especie, e o homem he um animal tão fero, que nem ao seo se nelhante poupa.

A liberdade he ou natural, ou social: liberdade natural consiste no livre exercicio do poder, e querer; liberdade social he aquella, que faz com que o homem sacrificando parte de sua liberdade natural para poder conservar a outra parte, se sujeite a uma lei igual para todos, não falte ao q' deve á sociedade, tendo justo para com outros homens, isto he, não querendo para elles, o que não quereria para si: o homem não pode viver independente dos outros homens, por conseguinte não pode uzar de toda a sua natural liberdade, por ser nocivo á sociedade, de quem depende para existir: esta he a liberdade bem entendida, pela qual todos devemos propugnar, e não essa licenciosidade, que os revolucionarios, e anarquistas prometem para adquirir partidarios, que os elevem ao mundo. Assim como a liberdade tem sido invocada muitas vezes por homens illustres para despertar os povos do lethargo, em que vivem, da indiferença, com q' olhão seus interesses communs, tambem outras tantas tem sido profanamente invocada por ambiçiosos sevandijas para os agitar á desordem: não he preciso hir mendigar exemplos estranhos, nós os temos por nossa desgraça no proprio paiz. De que meio lançarão mãos os anarquistas para fazerem a infame revolução de 20 de Setembro? De que meio se tem servido

[2]

para adquirir tanto partidario, e derramar tanto sangue de irmãos? Profanamente invocando o nome de liberdade: pregando aos incautos, que o Governo central he um despota, as autoridades, uns bacchás; que não existião garantias, que a liberdade perigava? Qual he a liberdade, que elles tem dado? A de roubar, matar, queimar em uma palavra a licenciosidade mais escandalosa!!!

A QUEM TOCAR.

Muito vadio ha por esta Cidade, louvado seja Deos! Como poderá haver boa moral se ha tanto malandrinha, que não tem de que viva, nem em que se ocupe? A quarta parte, que hoovesse, era mais que bastante para incommodar a policia, e corromper a moral publica! Vem-se coisões por essas praças, q' com effeito muito escandalisio! Vê-se cada barbadão sem pejo, nem vergonha a pretexto de se banhar, andar nu, todo descomposto e sem cobertura alguma, que nem uma creança de dois annos; q' palavrões, que gestos indecentes, e escandalosos, que bregeiradas! Não podem as familias, que morão junto das praças principalmente das do caminho novo, e riacho chegar á janella, nem pessoa alguma passear por esses lugares por causa dessas scenas escandalosas, q' a qualquer hora do dia ali se observão. Não precisa o Batalhão 3.º de gente? Porque se não ha de recrutar esses vadios, e assentar-lhes praça nelle, ou em outro qualquer corpo, onde sejam bem coçados? Se ás autoridades ficssem isto, farão um grande serviço á Nação, um signalado favor ao publico, e um beneficio nos mesmos vadios: á Nação; por que lhe dão homens, que a servão, os que es apesar de serem vadios, havendo disciplina, podem prestar-lhe grandes serviços assentando praça: do publico; porque lhe tirão o escandalo; e os mesmos vadios finalmente; porque lhes dão uma occupação honrosa, na qual portando-se bem podem ser alguma coisa

[3]

Não he só nas praças, q' se encontrão vadios, nos bilhares se juntão em numero mais crescido: em qualquer canto de rua ha hoje em dia um bilhar, onde se encontrão varias pessoas, as mais delhas sem occupação, jogando desde que amanhece até alta noite, quando ali a não passão tambem; ali se encontrão pais de familia, esquecidos de seus deveres, e entregues ao maldito vicio, perdendo o que bem falta faz a sua familia, e ás vezes o que não he seu; ali se achão officiaes de officio, soldados, e marinheiros arriscando o que com tanto custo, e sacrificio ganhão; ali finalmente se vêm filhos familias aprendendo o que nunca deverião saber, acostumando-se ao vicio, e deitando fora o q' roubão a seus pais; porque se não prohibirão semelhantes casas, para que se não de consentir abertas essas escolas de immoralidade, onde a mocidade se perverte, e onde se juntão tantos vadios?

O Artilheiro não he um rispido desdenhador de tudo quanto ha, não he nenhum misantropo, elle convem, que hajão casas publicas, onde qualquer por diversão passe uma ou duas horas vagas jogando, ou vendo jogar o bilhar: não he com essas pessoas, que isto se deve entender, he com aquellas, que não tendo de que vivão, nem em que se occupem, ou inda mesmo tendo, ali consomem toda a parte do tempo; he com aquellas casas, que tem o bilhar como chamariz para os jogos prohibidos; pois he impossivel, que uma casa dessas possa aturar, e conservar-se muito tempo sem ter outro lucro, senão o que lhe dá este jogo. Quantas desordens, e brigas não ha nessas casas de dia e de noite por cauza do maldito jogo?

Pallando neste objecto, não deixará o Artillheiro de tocar de passagem noutro, que bem merece um artigo separado, e vem a ser: a multidão de rapazes, que em tempos em tempos armados de paus, e fundas, divirão por essas ruas, formando partidos, e em guerra uns com os outros! Isto parece impossivel,

e custa a erer, que hajão pais tão pouco interessados na educação de seus filhos, que consentão, que elles assim se andem prevaricando: sim o Artilheiro diz pais que consentão; porque he impossivel q' assim não aconteça; se elles não consentissem nesses desaforos, os rapazes não se animarião com medo do castigo a tomarem parte nessas brigas, donde se retirão quasi sempre rotos, e com a cabeça quebrada. Ha pais que julgão que o verdadeiro amor consiste, em nunca contrariar as vontades dos filhos, em nunca os castigar, em lhes dar tudo quanto elles querem, em os deixar viver á lei da natureza: isso não he amor, he má educação; he querer que os filhos sejam huns perversos; pois acostumados desde creanças a faser quanto queren, depois de grandes são allivos, insolentes, e nem a superioridade paternal respeitão. Ja que os Pais não queren, ou não podem cohibir esses desaforos, ao menos vão as patrullhas furtando a rapaziada para se poder passar pelas ruas sem o receio de levar com uma pedra.

O Gabinete Piratiniense.

Conta-se por ali, que depois da derrota do rebelde Zepherino, se encontrou na bagagem deste uma canastra cheia de papeis, e entre estes uma circular do Presidente da Répilha contendo as copias de 3 decretos: um mandando fazer na Capella de Viannão um Pantheon onde se deve collocar os bustos dos insignes patriotas, que mais se tem distinguido contra a União, e que mais tem trabalhado para a fundação do novo estado da Répilha Piratiniense; taes como Bento Gonçalves, Bento Manoel, Pedro Boticario, Marques Alfaiate, todos os Calvets exclusive o Rafael Netto, Dr. Cangualha Nunes, Mr. Carrapato e outros muitos, cujo numero sobe ja a quinhentos e tantos: em quanto o governo da Répilha não mandar vir marmore, os bustos devem ser feitos de barro de mu-

10000 réis
antes á boa
das (francus

o a favor da
he pouca ;
nsirem em
res, confian-
tes, grandes
inculção se
Ruano; mas
cleridas, e
lhêrem del-
os a opera-
pos, como
tuação do
Secretario
empre lemu-
do da mo-
nuctorida-
a libertades
te 20 de Se-
I Agente da
que a Não
costa, e se
sistencia da
ipre me no
r festo de
que foi d
do chve
hauus m
ravel! m
orque foit
do Pay Ma
dicções d
s mãos d

entel

esijo.

marel

a a ché

cetta

tingues, o mais breve possível para se não esquecerem as feições dos heroes, que devem ser imitados ao natural. O fim deste Pantheon ou Museu de heroes de barro he para testemunho da gratidão, que aos seus relevantes serviços deve a Répilla, e para os vindouros, invêndo-lhe tamalhas honras, os imitar.

O segundo decreto abole o uzo da lingua Portugueza, e encarrega a Custodia Gonçalves Lopes, vulgo o Ferrugem, de compor uma nova lingua para ser fallada pelos subditos da Répilla Piratiniense.

O terceiro ordena a todos os subditos da Répilla, sob pena de não serem tidos como taes, que da publicação deste decreto em diante, nenhum uze mais de sobrenome ou apellido, que não tenha relação com as coizas pertencentes ao estado, em consequencia deste decreto o Presidente, que dantes se chamava José Gomes Jardim, se ficou chamando José Tordilho Rincão. Todos os magnates da Répilla immediatamente mudarão os sobre nomes: Bento Gonçalves adoptou o de Bento Sobrino Churrasco; Onofre o de Onofre Cachaca Ruano Camello; Netto o de Antonio Parilheiro Prateado; Marcellino Pampa Mellado; João Antonio Malacara Pangaré; os mais assim em proporção.

Tambem consta ter-se instituido uma Ordem de cavallaria denominada do — PILHA — o Gram-Mestrado da qual foi concedido a Bento Gonçalves: as commendas desta Ordem são de couro cru: todos os officiaes de Coronel para cima são condecorados com uma commenda, e habito desta ordem: d'Alferes até Tenente Coronel tem só o habito, que he de barro encarnado pendente de uma guasca de couro cru: os soldados e inferiores tem suas medalhas com legendas, que significão as acções em q' se tem achado combatendo contra a União.

A sem savoria do Natal!

Não ha quem não tenha estranhado o Na-

tal deste anno! Todos reconhecem, que he o Natal mais insipido, a festa mais desengraçada, que tem havido desde que o mundo sahio do nada! Cada um tem o seu particular motivo para julgar insipido o Natal: os amantes da gula; porque não houverão galinhas, patos, pirús, leitões, carne etc. para abarrotar o bucho: os amigos de baccho; porque o vinho está caro, e não o ha mouro, isto he, por baptisar, para tomar em uma cabelleira gostosa: os negrinhos; porque não fizerão a festa com o seu rei, e rainha a N. S. do Rosario: em fim todos tem estranhado, mas mai principalmente as moças; até a Quiteria, que (*benza-a Deos*) he uma mulher de juizo, estranhou. Os outros annos sempre tinha um fraste novo, este nada teve; porque as finanças andão apuradas: as outras festas havia sempre um jantar lauto, esta nem os pratos grandes vierão á mezã, donde andão des-terrados ha muito, por não haver com q' os occupar; para um pouco de feijão, e charque, qualquer pires serve. Mas não, não he por isso, como ella mesma confessa, que tem estranhado o Natal deste anno; os outros annos hia-se à Feitoria, havião passeios, bailes etc. este anno apesar de se poder dar pulos como cobra pelos alimentos serem poucos e a barriga andar leve, nada houve: os mais annos havião prezepios com macaquinhos, bonecos, danças de pastores e pastorinhas, batúques, serenatas, este anno o Natal assemelhou-se a uma quaresma das de outro tempo. Eis aqui porque a Quiteria estranhou: a maior necessidade, que uma mulher sente he a de satisfazer a sua natural curiosidade, q' he commum a todas, não a satisfazendo, mais quer soffrer dores, passar fomes, e miserias! Que martirios grandes podem haver; a q' ellas não sujeitem, só para satisfazer a sua curiosidade? Uma conhece o Artilheiro, q' não se podendo calçar para hir a um baile por ter uma perna inchada, ligou-a tão fortemente por espaço de 3 dias, q' com effeito foi ao baile, e dançou como de nada sentisse; quando voltou para casa ferem braços, por lhe falta a circulação de sangue naquelle lado, esteve muito mal, e por fim veio-lhe uma crezépela, q' a fez passar alguns mezes. Se o sitio aty... a Pascoa muita moça ha de morrer de tuberculo!

Porto A. Na Typ. de C. Dubreuil e C.